

Posturas Positivas no Processo de Envelhecimento



Desnaturalizando o dia a dia: terceira idade e sociologia da vida cotidiana

Carlos Eugênio Soares de Lemos
eugeniodelemos@yahoo.com.br

Lidiane Rangel de Oliveira
lidiane_rangel@yahoo.com.br

Glauber Rabelo Matias
glauber_rabelomatias@yahoo.com.br

Resumo

O Curso de Sociologia da Vida Cotidiana, organizado e executado pela Universidade para a Terceira Idade (UNITI/UFF/PUCG), no período de maio a julho de 2010, teve como propósito estimular o desempenho cognitivo dos cidadãos idosos e a ampliação de sua rede de interações, usando o recurso da imaginação sociológica para promover a reconceitualização de temas vivenciados no cotidiano. O programa de discussão foi abordado a partir de oficinas pedagógicas que envolviam relatos comparados de história de vida e estudo dirigido em grupo, sob a perspectiva de princípios metodológicos como: historicidade, desnaturalização e relação entre a autobiografia e o contexto do percurso de vida do aluno. Ao final da experiência, percebeu-se que os participantes, provocados pelos questionamentos das aulas, mostraram-se mais abertos para reflexões críticas sobre os seus padrões de pensamento e comportamentos tidos como naturais, assim como também se mostraram mais entrosados com os seus companheiros de turma.

Palavras-chave: Educação. Autonomia. Sociabilidade. Cidadania. Sociologia.

Denaturalizing Day-by-Day: Seniors And Sociology Of Everyday Life.

Abstract:

The Course of Sociology of Everyday Life, offered by the University of Third Age UNITI, in the period May – July, 2010, aimed to stimulate the cognitive performance of elderly citizens and the expansion of their network of interactions, using sociological imagination to promote the reconceptualization of daily themes. The program consisted of educational workshops involving reports comparing the life history and study groups, from the perspective of methodological principles such as: history, denaturalization, the relationship between autobiography and context of the life course of the student. At the end of the experiment, it was noted that the participants, through questions of classes, were more open to critical reflection on their thinking patterns and behavior, and also more mingled with their classmates.

Keywords: Education. Autonomy. Sociality. Citizenship. Sociology.

Introdução

Durante muito tempo, a sociedade brasileira manteve-se indiferente com os desafios enfrentados pelos idosos em suas interações cotidianas e na realidade da esfera pública. Essa longa ausência poderia ser explicada pelo entrelaçamento de várias razões: o fato de a velhice ter se constituído numa questão política de peso apenas a partir das últimas décadas do século XX; a sobreposição da dimensão privada na gestão em detrimento da esfera pública na gestão das demandas do envelhecer; o perfil demográfico relativamente jovem da população; as exigências de um mercado habituado a enxergar o envelhecimento como ameaça à produtividade; a repugnância biológica e estética do novo mundo urbano industrial para com a velhice, entre outras. Contudo, ainda que se fechassem os olhos para os abusos e injustiças cometidos contra os idosos (BEAUVOIR, 1990), é preciso reconhecer que ocorreram avanços ao se elaborar e desenvolver um programa previdenciário, criando certas garantias para a população de mais idade em determinados países.

No lento e gradual processo de urbanização e industrialização do Brasil ao longo do século XX, podem-se problematizar as representações da velhice a partir do movimento correlato das mudanças/permanências estruturais que orientaram o processo de modernização do país. Nessas correlações, destacam-se o movimento operário, a previdência social, os sistemas asilares, as reformas sanitárias, as transformações demográficas e tecnológicas, os novos arranjos familiares, enfim, todos os processos que foram relativamente significantes para se entender as nuances da experiência e do sentimento de velhice no país. Por todo o século passado, houve certamente o predomínio de uma visão que, do porão ao sótão, tendia a ver o envelhecimento como uma fase exclusivamente de declínio.

No entanto, ao final do século XX, uma sensível modificação ocorreu no tratamento dado à gestão do envelhecimento. Vários agentes sociais (ONGs, associação de aposentados, grupos de convivência, partidos políticos, etc) partiram para as denúncias e combate dos problemas enfrentados pelos idosos nas esferas pública e privada, passando também a propagarem a terminologia “terceira idade” como alternativa a uma etapa do curso de vida que antes era retrata de forma geral como velhice decadente. Esse termo e outros correlatos (melhor idade, jovem idoso, idade feliz, etc) trazem consigo a ideia de uma maturidade saudável, jovial, otimista e reconceituada. Um discurso assim positivo acerca do idoso tem duas perspectivas. Por um lado, é importante para que a sociedade rompa o silêncio em torno do tema e passe a tratá-lo a partir de uma abordagem mais otimista, ainda que estereotipada, como na expressão “feliz idade”, a qual, por outro lado, é no mínimo perturbadora, pois a dimensão social e existencial da questão fica reduzida aos interesses mercantis em torno da perspectiva da “juventude eterna” a ser sustentada pelos idosos (DEBERT, 1999). Trata-se de uma experiência recorrente para idosos que vivem no espaço urbano.

A cidade de Campos dos Goytacazes, situada ao norte do estado do Rio de Janeiro, contando hoje com aproximadamente 500 mil habitantes, assiste a um sensível envelhecimento de sua população: cerca de 7% do contingente tem mais de 60 anos. Da população absoluta, os idosos, ou seja, aqueles que estão acima de 60 anos, constituem hoje cerca de 40 mil pessoas. Em sua maioria, são egressos daquela Campos eminentemente agrária, onde o poder político e econômico se encontrava nas mãos das oligarquias locais. Muitos dos valores desses idosos foram construídos a partir dos referenciais daquela sociedade tradicional, num ritmo de transformação menos frenético do que este que hoje é pretendido pelos agentes da modernização. Diante dos avanços tecnológicos que invadem as suas rotinas, muitos se sentem ultrapassados. Assim, ao frequentarem os bancos escolares novamente, os idosos, ou os que se “preparam para a velhice”, encontram alternativas de reinvenção de modos de vida e desvinculação de uma identidade correlata à inatividade, ao desconhecimento tecnológico e ao isolamento. Contudo, sabe-se que não é preciso ser assim. Essa etapa da vida pode ser bem diferente. E é nessa crença de renovação que as ações deste projeto se inscrevem.

A Universidade para a Terceira Idade (UNITI) vem se destacando como um Programa de Extensão do Polo Universitário de Campos dos Goytacazes (PUCG/UFF) que, desde a sua criação em 1994, vem se caracterizando justamente por sua natureza educacional e de renovação de representações acerca do envelhecer. Ao apostar em uma nova imagem para os idosos, busca construir um universo de informações ar-

ticuladas às atividades reflexivas, educativas e programações sócio-culturais que objetivam estimular e/ou recuperar o dinamismo biopsicossocial do idoso, ocupando seu tempo livre e ampliando as possibilidades de relações sociais, com reflexos significativos para sua saúde e qualidade de vida.

Contudo, depois de frequentarem por um ano a Universidade para a Terceira Idade, os ex-alunos retornam em busca de alguma atividade que possa dar continuidade à experiência reflexiva do período em que cursou. Até então, antes da expansão, o PUCG/UFF não contava com uma diversidade de professores que oferecesse cursos de educação continuada numa perspectiva interdisciplinar. Assim, tendo em vista que os discentes, formados majoritariamente por mulheres, vinham informando seu interesse em ampliar sua compreensão sobre as transformações que percebiam em suas realidades cotidianas, confirmou-se a pertinência de discutir aqueles temas considerados mais recorrentes em suas preocupações.

As ações extensionistas são norteadas pelo fato de que, perante as expectativas e sentimentos acerca da experiência do envelhecimento, o currículo da UNITI se apresenta como uma contribuição para a renovação de atitudes dos idosos diante dos desafios impostos pelo meio social, de forma que eles não assumam os estereótipos da velhice decadente e tampouco se tornem um mero consumidor das profilaxias da “eterna juventude”, ou seja, a compreensão de que, muito embora esteja inscrita nas sensibilidades coletivas, a experiência do envelhecimento também deve ser ímpar, porque depende da biografia do sujeito retratado. Dessa forma, nada mais interessante do que os temas referentes à vida cotidiana para levar os alunos a repensarem suas concepções sobre si mesmos, os outros e o mundo.

Assim, os objetivos do projeto podem ser resumidos nos seguintes termos: oportunizar a elaboração de novas representações sobre a vida cotidiana para a terceira idade pela (re)descoberta de temas do dia a dia; promover informação, cultura e lazer, priorizando potencialidades e direitos do cidadão; apresentar/motivar formas de participação social, refletindo sobre as ações cotidianas e nas questões da terceira idade; propiciar aos participantes um espaço para o exercício da convivência em grupo; estimular a livre expressão de sentimentos, desejos, expectativas, medos, frustrações, visões e sonhos, ampliando o diálogo do idoso com a família e outros grupos de interesse; e oferecer o Projeto como campo interdisciplinar de estágio para alunos dos cursos da graduação, articulando conhecimentos e estimulando a aprendizagem individual e institucional.

Material e métodos

Na condição de projeto de educação continuada, a proposta foi a de utilizar estratégias de ações pedagógicas que permitissem o registro das experiências vivenciadas pelos alunos em função de sua participação nas aulas e nos grupos de trabalho. A manutenção da autonomia, o desenvolvimento cognitivo e a sociabilidade constituíram os eixos que nortearam o planejamento, a organização e a execução das atividades. No programa de discussão, abordaram-se temas como: amor, sexualidade, corpo, alimentação, padrão de beleza, e família. Foram levados em consideração os princípios metodológicos básicos para trabalhar os conteúdos, tais como: historicidade, desnaturalização, perspectiva comparativa, situação estrutural e biográfica.

Nessa primeira experiência, a turma foi constituída por 40 mulheres, todas com idade entre 55 e 75 anos, cujo processo de socialização primária tinha sido vivenciado entre as décadas de 40 e 60 do século XX, em famílias de configuração tradicional marcada pela primazia do pátrio-poder. O nível de instrução era majoritariamente de ensino médio, em sua grande parte constituído por professoras aposentadas e donas de casa. Nota-se que a presença majoritária feminina é uma recorrência na experiência das UNITIS pelo Brasil (NUNES, 2000). Isso se deve a vários fatores; entre eles, podem-se destacar a longevidade, o estado civil, os aspectos educacionais e a formação cultural sobre o papel das mulheres. No caso específico da configuração com a qual se trabalhou, há uma rede formada por ex-alunas da UNITI, que, de maneira informal, faz circular informações sobre oportunidades de cursos de atualização. Essa rede é de singular importância, tendo

em vista que, devido à existência de famílias com poucas interações, algumas participantes encontram, nesses grupos de convívio, apoio para lidarem com o sentimento de solidão.

Cumpriu-se uma carga horária bimestral de 60 horas, de duas aulas semanais e mais duas atividades extracurriculares. Participaram o professor coordenador do projeto, um gerontólogo, dois estagiários de licenciatura e um bolsista. O projeto foi desenvolvido da seguinte forma: exposição das metas aos participantes e levantamento de suas expectativas quanto ao curso; aulas expositivas sob a forma de palestras, debates, relatos de história de vida, técnicas de dinâmica de grupo; e avaliação. Participaram da aula o professor coordenador do projeto mais dois alunos estagiários de licenciatura em Ciências Sociais e, posteriormente, um aluno de iniciação científica. As aulas foram pensadas com cerca de um mês de antecedência; para tanto, foram utilizadas duas aulas semanais da disciplina de “Interdisciplinaridade, representações sociais e ensino de sociologia” para a preparação do trabalho. Os estagiários puderam participar das várias etapas que fazem parte da estruturação de uma aula, assim como tiveram a oportunidade de discutir um pouco sobre as peculiaridades que cercam o processo de ensino aprendizagem da população de terceira idade.



Figura 1: Alunas assistindo a um esquete teatral relacionado ao projeto

As aulas foram ministradas levando em consideração as especificidades que envolvem o processo de ensino-aprendizagem na terceira idade. As atividades foram pensadas de forma a estimularem o desempenho cognitivo e a promoverem a sociabilidade dos participantes. Nesses termos, habilidades como atenção, memória, interação e motivação estiveram no centro do interesse. A partir dos relatos de experiência, realizou-se a análise dos textos e dos exercícios produzidos, levando em consideração a revisão da literatura pertinente, fazendo uso das técnicas de pesquisa de observação participante e entrevistas focais de reuniões de grupo. Após cada mês de aula, foi feita uma avaliação informal dos participantes sobre os pontos positivos e negativos da experiência. Ao final do curso, realizou-se uma avaliação geral do caminho percorrido. Da análise da avaliação, foi pensada a reformulação do projeto para os anos seguintes, de maneira a atingir com mais propriedade os objetivos pretendidos e já citados anteriormente.



Figura 2: Alunas participando do esquete do projeto de extensão

Resultados e análise

Ainda que de nível socioeconômico diversificado e grau de instrução diferenciado, muitos “alunos” chegaram ao projeto com um sentimento de desconfiança e de certo receio, causado pelos fantasmas que rondam o processo de envelhecimento e que podem ser resumidos num conjunto de características identificadas como supostos sinais do avançar da idade: falhas de memória, dificuldade de aprendizagem, desmotivação, “mania” de doença, isolamento, pouca flexibilidade mental, tendência à repetição, enfim, os estereótipos mais recorrentes acerca da falência geral do potencial de uma pessoa nessa etapa do curso de vida.

O enfrentamento dos preconceitos se faz inicialmente com a tentativa de desconstruir os padrões negativos que envolvem a ideia de envelhecimento. Na medida do possível, no decorrer do processo, fazendo uso de autores das mais diversas correntes sociológicas, a exemplos de Goffman (1985), Giddens (1993), Bauman (2004), Berger (2004), foram criadas situações pedagógicas que promoveram o estranhamento e a desnaturalização das ideias reificadas sobre sexualidade, corpo, idade, família e amor. Em algumas aulas, utilizaram-se reportagens que retratavam o dia a dia de pessoas que não aceitavam incorporar o estereótipo da velhice decadente e tampouco cair na figuração do jovem idoso. É claro que alguns alunos demonstraram resistência diante de alguns assuntos, como no exemplo da liberação da mulher, do depoimento de idosas que declaravam levar vida sexual ativa, da adoção de crianças por casais gays, entre outros. Já estava previsto que isso viria acontecer, tendo em vista que o aluno seria colocado de frente com um tipo de situação com a qual não estava acostumado, provocando-o para a interação.

“Apesar de ser professora, estou aposentada há um certo tempo e um pouco desatualizada. Por isso, foi muito importante para mim. O único assunto que mexeu um pouco comigo foi a questão da homossexualidade, pois, apesar de aceitar qualquer opção sexual, tenho na família um caso desse tipo, e a mãe não aceita e está se definindo aos poucos. Me atualizou muito o curso” (Aluna de 64 anos).

No decorrer do processo, pode-se perceber que, dos temas constitutivos do conteúdo programático, aquele que mais gozou de concordância foi o referente às transformações que ocorreram nas famílias nas

últimas décadas. Como se tratava de um público majoritariamente feminino, educado nos moldes de antigas configurações patriarcais, os relatos de experiências opressivas ouvidas e/ou vivenciadas foram recorrentes. Nesse caso, as críticas se dirigiam tanto à rígida educação recebida dos pais quanto às arbitrariedades dos ex-maridos ou dos atuais. Era unânime a posição de que os jovens de hoje, principalmente as meninas, gozavam de muita liberdade, se comparados com o padrão de comportamento dos jovens do passado. E muitas alegaram que teria sido bom se tivessem vivenciado essa mesma liberdade, pois teriam entrado no casamento com um nível de experiência sexual e afetiva maior.

Contudo, quando o assunto foi encaminhado para o comportamento sexual-afetivo das mulheres idosas na atual etapa do curso de vida, criou-se certa polêmica. Nesse momento, houve uma divisão assimétrica entre as que eram favoráveis à existência de práticas sexuais na terceira idade e as que consideravam tal possibilidade uma excrescência. A balança sempre pendeu para o lado das primeiras, sob o argumento de que estavam vivas e de que queriam ser amadas enquanto mulheres. No caso das segundas, a ideia defendida era de que se tratava de uma fase da vida para se dedicarem a si mesmas, e não a de terem trabalho com homens, já que a relação com eles pressupunha que assumissem o compromisso de cuidar deles. Foi possível perceber que as mais religiosas apresentavam uma grande resistência a comportamentos considerados de liberação, pois entendiam que, a partir de “certa idade”, não convinha a uma mulher se comportar como se fosse uma adolescente.

O projeto também possibilitou uma experiência de renovação para os estagiários. A primeira lição compreendida foi a importância da pesquisa bibliográfica para o planejamento das aulas, assim como também a de estarem atentos à relação entre os eixos-tema, conceitos e teorias. Contudo, para realizarem uma aula dinâmica e significativa para a terceira idade, eles perceberam que não podiam estar presos às bibliografias, pois o importante era selecionarem os conteúdos mais significativos, fazendo relação destes com os objetivos propostos no planejamento. Nesses termos, destacou-se a centralidade de uma metodologia de trabalho que permitisse a compreensão dos conteúdos em função da participação dos alunos, condição essencial para o processo de ensino-aprendizagem. Assim, as aulas expositivas dialogadas contribuíram bastante, pois as alunas davam opiniões, contavam suas experiências de vida, concordavam ou discordavam do professor, ou seja, permitiram o exercício da liberdade de opinião na sala de aula.

Além das estratégias metodológicas, pode-se afirmar que os recursos didáticos também foram fundamentais, pois as músicas, as poesias, os clipes, os vídeos e outras matérias lúdicas contribuíram para a reflexão dos conteúdos de forma atraente, chamando a atenção das alunas para um olhar sociológico daquilo que poderia ser apreendido por meio da observação crítica da arte. Outro elemento importante das aulas foi as atividades propostas, que serviram de estímulo para que as alunas tivessem um momento individual de reflexão sobre as discussões, de forma a repensarem suas concepções acerca dos temas abordados. Essa perspectiva produziu um importante material para a análise que os professores puderam fazer sobre as concepções dos alunos no início e no final do curso, ou seja, as atividades serviram de instrumentos para uma avaliação sobre os educandos, procurando uma possível evolução de suas concepções a respeito dos temas propostos e o significado da sociologia que esse curso tenha proporcionado a eles.

O importante, como mencionado anteriormente, foi a busca da desnaturalização da compreensão desses temas, um vez que os discentes viram-se incentivados a pensá-los do ponto de vista sociológico, como, por exemplo: considerando o perfil sócio-histórico da família no Brasil, a família sonhada e a família vivida; a contextualização do amor romântico e as comparações de aspectos da vida amorosa em outras culturas; as supostas naturais diferenças psicológicas e comportamentais entre homens e mulheres; a ideia de que o gênero está ligado a noções socialmente construídas de masculinidade e feminilidade; além de entender que os padrões de beleza são construídos socialmente, e a noção do belo varia de acordo com diversas culturas, assim como a nossa alimentação também é condicionada.

Nas entrevistas e avaliações finais com os alunos, foi possível verificar que, não diferente do que acontece com os projetos de educação para terceira idade em outras cidades do Brasil, a experiência da Sociologia

da Vida Cotidiana na UNITI contraria a ideologia da velhice como uma etapa final e improdutiva da vida, pois, ao oportunizar o enfrentamento de tabus, mitos, estereótipos e preconceitos sociais relativos aos temas discutidos, estimula os alunos a repensarem suas representações e práticas acerca da gestão dessa etapa do curso de vida e das temáticas fundamentais do seu dia a dia. Nesses termos, no que diz respeito à experiência do curso, os alunos alegam que:

Todos os temas abordados foram de qualidade, mas o que mais me marcou foi tudo relacionado à paixão. Pretendo que seja trabalhada, nos novos cursos, a “discriminação dos idosos” em todos os sentidos, na família, na sociedade, enfim, em tudo que deixe os idosos mais perto do seu fim, da morte” (Aluna de 60 anos).

Foram abordados assuntos interessantes e polêmicos, colocando-nos a refletir e rever os nossos preconceitos, opiniões, modos de vida e de pensar em determinados assuntos, como no exemplo da sexualidade. (Aluna, 65 anos)

Foi mostrada uma realidade bem atual, que, para uma sociedade arcaica, é vista e julgada como negativa. Para mim, viver a vida é isso: atualizar-se, evoluir com as mudanças nos diversos segmentos: família, educação, saúde, política, tecnologia, ciências, relacionamentos, etc. (Aluna de 68 anos)

Nos meus 57 anos já vividos, tudo foi do modo arcaico com meu pai e depois transferido para o meu casamento, mas sobrevivi, graças a Deus e à minha lucidez. O curso para mim foi de grande valia, pois pude perceber que estou no caminho certo. (Aluna, 57 anos).

No início, senti dificuldade de entender certos assuntos, pois, apesar de ser professora, estou aposentada há certo tempo e um pouco desatualizada. Por isso, foi importante para mim. Dois assuntos que gostaria que fossem abordados em algum tempo seriam: filhos e netos, como tratá-los mesmo depois de casados? Noras e genros, como participar da vida deles?. (Aluna – 64 anos)

Considerações finais

A experiência leva a acreditar que os estereótipos negativos de perdas associados à velhice são desconstruídos por ações educacionais que desmitificam as representações homogêneas do comportamento e da identidade das pessoas idosas. Nesses termos, existe uma multiplicidade de experiências no cotidiano que serve de material para os alunos idosos repensarem os limites de suas concepções sobre temas considerados fundamentais na rotina, tais como o amor, o corpo, a família, a velhice, a sexualidade, entre outros. Ao repensá-los, eles tanto realizam um desafiador trabalho cognitivo de desnaturalização da realidade quanto percebem que a diversidade de concepções e atitudes na sociedade contemporânea é parte constitutiva da busca das pessoas pela democratização das suas relações sociais na vida diária, ou seja, a luta do cidadão pelo respeito às diferenças dentro de um patamar de igualdade de direitos.

No caso do grupo específico com o qual se trabalhou, é possível afirmar que a participação no curso concorreu para: estimular a capacidade de diálogo em seus grupos de interesse; sensibilizar e mobilizar para experiências de interação com base no respeito à diversidade e na solidariedade; provocar questionamentos e suscitar reflexões sobre padrões de comportamentos tidos como naturais e que, não raro, são causas de sofrimentos, por concorrerem para a dificuldade de comunicação com os familiares; estimular a autoesti-

ma, o autocuidado e a relação positiva diante da vida; e incentivar a tomada de consciência dos princípios e diretrizes voltados para a dignidade do cidadão idoso. Contudo, também é fato que esses cursos com grupos de discussão precisam ter continuidade, pois o frescor provocado pelas novas ideias tende a ceder espaço para o arrefecimento das cobranças padronizadas que, advindas de si mesmos e dos outros, os idosos enfrentam no cotidiano.



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
ESR – SFC
GRUPO DE ESTUDO, EXTENSÃO E PESQUISA SOBRE O
ENVELHECIMENTO (GEEPE)

CURSO DE EXTENSÃO SOCIOLOGIA DA VIDA COTIDIANA

OBJETIVO GERAL:

Promover o desenvolvimento cognitivo do idoso a partir da aplicação da imaginação sociológica aos temas do dia-a-dia.

TÓPICOS ABORDADOS:

AS FAMÍLIAS – O AMOR E A SEXUALIDADE –
O CORPO, A COMIDA E A BELEZA.

PÚBLICO ALVO:

Ex-alunos da UNITI e Comunidade da Terceira-Idade

LOCAL E PERÍODO DE REALIZAÇÃO:

UFF- Campos (ESR), às segundas-feiras, das 15:00h às 17:15h. Do dia 15/05 a 15/07. Carga Horária de 60 horas/aula, com direito a certificado de participação.

PROFESSORES:

MAIORES INFORMAÇÕES:

Coordenação de Extensão. R. José do Patrocínio, 71-Centro-Campos.
Telefones: 27220622 e 27330319, ramais 4104 e 4112. Horário: 14h às 17h30, com Elisângela.

INSCRIÇÕES: Do dia 04/05 (3ª feira) ao dia 06/05 (5ª Feira), das 14 às 17hs – na tenda da UFF.

Imagem 3: Cartaz de divulgação do curso de extensão “Sociologia da Vida Cotidiana”

Referências

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp, Fapesp, 1999.

NUNES, Alzira Tereza Garcia Lobato. Serviço social e universidade de terceira idade: uma proposta de participação social e cidadania para os idosos. In: **Textos sobre Envelhecimento Unati / UERJ** | Rio de Janeiro | ano 3 n° 5 p. 1- 97 | 1° semestre, 2000.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1985.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BERGER, P. LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis/RJ: 2004.